



Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

A Interlocução de Saberes na Formação Docente

Atena
Editora
Ano 2019

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

A Interlocução de Saberes na Formação Docente

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
I61	A interlocução de saberes na formação docente 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Interlocução de Saberes na Formação Docente; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-532-7 DOI 10.22533/at.ed.327191408 1. Educação – Estudo e ensino – Avaliação. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Compreende-se que a formação de professores é uma área de pesquisa abrangente e de longa data, que vem apresentando grandes desafios: seja nas políticas públicas envolvidas, seja nas experiências adquiridas durante seu período de formação e/ou na compreensão sobre a consciência desse processo, no que tange a apropriação de saberes necessários à inserção na docência.

Neste sentido, a obra: “A interlocução dos saberes na formação docente” foi organizado considerando as pesquisas realizadas nas diferentes modalidades de ensino bem como, nas suas interfaces ligadas na área da saúde, inclusão, cultura, entre outras. Aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 24 capítulos, as pesquisas relativas à Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e II .

O volume II, composto por pesquisas relativas ao Ensino Superior perpassando pelo ensino da Educação de Jovens e Adultos , educação profissional e inovações e no seu terceiro volume, aspectos da formação de professores nas tratativas de inclusão bem como, a importância do papel do coordenador(a) e algumas práticas profissionais considerando a relação cultural como fator preponderante no desenvolvimento das práticas educacionais.

Cabe aqui apontar que, os diferentes saberes fundamentam o trabalho dos professores e pode se estabelecer a partir de um processo de enfrentamento dos desafios da prática, resultante em saberes, entretanto pode também ser resultado das resistências.

As suas relações com a exterioridade fazem com que, muitas vezes, valorizem-se muito os saberes experienciais, visto que, as situações vividas podem até ser diferentes, todavia guardam proximidades e resultam em estratégias e alternativas prévias para outras intercorrências.

A mediação entre as práticas de ensino docente frente às atividades propostas adotadas é envolta em uma dinâmica da sala de aula e por consequência na obtenção do conhecimento. Esse “[...] processo dinâmico, contraditório e conflituoso que os saberes dessa prática profissional são construídos e reconstruídos” (ROMANOWSKI, 2007, p.55).

Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata pesquisas que nos leva ao repensar das ações educacionais, os agradecimentos dos Organizadores e da Atena Editora.

Por fim, esperamos que as pesquisas aqui descritas possam colaborar e instigar mais estudantes e pesquisadores na constante busca de aprofundar e/ou buscar inovar na área da interlocução dos saberes na formação docente e, assim, possibilitar sobre os aspectos quantitativos e qualitativos a busca constante das melhorias da formação docente brasileira.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAPÍTULO 1 1

ENSINAR A LER E A ESCREVER: DIFERENTES CAMINHOS LEVAM A DIFERENTES LUGARES

Ivete Janice de Oliveira Brotto

Cleonilde Fátima Wagner

DOI 10.22533/at.ed.3271914081

CAPÍTULO 2 9

O JOGO NAS REFLEXÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMAÇÃO INICIAL SOBRE O TEMA

Jersica Ramos Dos Santos

Wellington Araújo Silva

DOI 10.22533/at.ed.3271914082

CAPÍTULO 3 23

UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gislaine Bueno de Almeida

Amanda Mendes Cordeiro Santos

Marta Regina Furlan de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3271914083

CAPÍTULO 4 28

ALIMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Natália Navarro Garcia

Marilda Andrade dos Santos

Rosilene Arnoud de Souza

Vanessa Pereira Almeida

Marta Silene Ferreira Barros

DOI 10.22533/at.ed.3271914084

CAPÍTULO 5 34

DOM OU PERFIL PARA ALFABETIZAR? DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO DOCENTE

Luciana Nogueira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.3271914085

ENSINO FUNDAMENTAL I E II

CAPÍTULO 6 47

AULA PRÁTICA NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE MICROBIOLOGIA ENSINO FUNDAMENTAL II

Amanda Jéssica Silva Santos

Érica Oliveira de Lima

Victor Hugo de Oliveira Henrique

DOI 10.22533/at.ed.3271914086

CAPÍTULO 7	57
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E FORMAÇÃO DOCENTE: A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA	
Sandra dos Santos Alves	
Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.3271914087	
CAPÍTULO 8	64
GINCANA LITERÁRIA: FORMAÇÃO DE LEITORES/ESCRITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Renata Aparecida da Silva	
Daniele Trevisan	
Maria Bezerra Tejada Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3271914088	
CAPÍTULO 9	73
ESTUDOS INICIAIS DE LETRAMENTO DO BLOG QUIPIBID	
Marielle Toledo Silva	
Karla Nara da Costa Abrantes	
Fabiana Gomes	
Alécia Maria Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.3271914089	
CAPÍTULO 10	80
OLHANDO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA RURAL, LOCALIZADA EM CRUZEIRO DO SUL, ACRE	
Francisco Sidomar Oliveira da Silva	
Maria Tatiane Damasceno Souza	
Josenilson da Silva Costa	
Elizabete do Carmo Silva	
Aline Andréia Nicolli	
DOI 10.22533/at.ed.32719140810	
CAPÍTULO 11	93
PRÁTICAS DOCENTES COMO PRINCÍPIO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	
Glicimar Breger de Sousa	
Suhênia Carvalho Rosário	
Jaqueline Scalzer	
DOI 10.22533/at.ed.32719140811	
CAPÍTULO 12	101
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EEF ALBA MARIA DE ARAÚJO LIMA AGUIAR NO MUNICÍPIO DE CAMOCIM CE	
Neyla Joseane Passos Faustino	
Maria Elioneide de Souza Costa	
Roger Almeida Gomes	
Antonia Marília Vieira da Costa	
Antonia Vanessa Carvalho Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.32719140812	

CAPÍTULO 13 110

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA VIVENCIADA NO MAISPAIC: SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE PROFESSORES DO 2º ANO DO MUNICÍPIO DE IGUATU – CE

Afrânio Vieira Ferreira
Giovana Maria Belém Falcão
Genira Fonseca de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.32719140813

CAPÍTULO 14 120

AValiação INSTITUCIONAL: OS IMPACTOS DO SAEB NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Alberico Francisco do Nascimento
Naldirene do Nascimento Fonseca
Milena da Silva Rocha

DOI 10.22533/at.ed.32719140814

ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO 15 131

A GEOGRAFIA E O “NOVO” ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CURRICULAR

Gênese de Souza Chagas
Michele Souza da Silva
Pedro Henrique Dias Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.32719140815

CAPÍTULO 16 143

CANHÃO DE GAUSS COMO FACILITADOR NO ENSINO DE FÍSICA DO ENSINO MÉDIO

Thierry Melo
Lucineide Sales da Silva
Samara Sales da Silva
Alex Nunes da Silva
Devacir Vaz de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.32719140816

CAPÍTULO 17 152

METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE QUÍMICA: APLICAÇÃO DO JOGO LÚDICO “BINGO PERIÓDICO”

Jorge Oliveira Monteiro Junior
Ísis Fernanda Ferreira de Sousa Alves
Marcelo Henrique Vilhena da Silva
Raimundo Negrão Neto
Silber Luan dos Santos Bentes
Solange Maria Vinagre Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.32719140817

CAPÍTULO 18 162

INVESTIGAÇÃO MATEMÁTICA COM O GEOGEBRA: OPERAÇÕES COM NÚMEROS COMPLEXOS E SUAS INTERPRETAÇÕES GEOMÉTRICAS

Elizandre Medianeira Silva dos Santos
Carmen Mathias
Alice de Jesus Kozakevicius

DOI 10.22533/at.ed.32719140818

CAPÍTULO 19	175
INDICADOR ÁCIDO-BASE NATURAL PARA O ENSINO DE EQUILÍBRIO QUÍMICO NO ENSINO MÉDIO	
Islany Keven das Chagas Silva	
Leilane Maria de Araújo Alves	
Erickes Weldes Cunha de Araújo	
Luís Miguel Pinheiro de Sousa	
Joaquim Soares da Costa Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.32719140819	
CAPÍTULO 20	183
PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO ENEM PELOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA PARA APRENDIZAGEM DE GRANDEZAS E MEDIDAS	
Aline Alves Moreira	
Diego Borges Silva	
Kátia Regina da Silva	
Maria Margarete Delaia	
Narciso das Neves Soares	
Josiel de Oliveira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.32719140820	
CAPÍTULO 21	195
VISITA TÉCNICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO IFRO – <i>CAMPUS VILHENA</i>	
Maria Consuêlo Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.32719140821	
CAPÍTULO 22	204
TAPETE DE PZT	
Nicolas Henrique da Silva Santos	
Matheus Santos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.32719140822	
CAPÍTULO 23	217
A VISITA TÉCNICA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE FÍSICA	
Jose Carlos de Andrade	
Teresinha Vilani Vasconcelos de lima	
DOI 10.22533/at.ed.32719140823	
CAPÍTULO 24	228
APRENDIZAGEM DE ÁLGEBRA: DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA	
João Marcos Palhano da Silva	
Kátia Regina da Silva	
Maria Margarete Delaia	
Narciso das Neves Soares	
Josiel de Oliveira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.32719140824	
SOBRE A ORGANIZADORA	241
ÍNDICE REMISSIVO	242

ENSINAR A LER E A ESCREVER: DIFERENTES CAMINHOS LEVAM A DIFERENTES LUGARES

Ivete Janice de Oliveira Brotto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel - Paraná

Cleonilde Fátima Wagner

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel - Paraná

RESUMO: Muitos estudos científicos abordam sobre os desafios enfrentados na educação da brasileira relacionados ao ensino inicial da leitura e da escrita. Este trabalho objetivou analisar a proposta de alfabetização do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) que se apresenta na perspectiva do “alfabetizar-letando”. Como objetivos específicos buscou-se conhecer a produção acadêmica de alguns autores sobre o letramento escolar, conhecer as concepções de linguagem de alguns teóricos acerca da alfabetização e das questões que envolvem a linguagem e a alfabetização. Discutimos a temática com base na perspectiva teórico-metodológica de linguagem Bakhtin/Volochínov ([1929], 2014) e, no diálogo com alguns autores da área como Soares (1985,2003), Mortatti (2000, 2007), Kleiman (1995), Geraldi (2000, 2014), Brotto (2008, 2013) e Peres (2016). Embora a perspectiva “alfabetizar-letando” seja um caminho, cabe questionar se o desafio do ensino e aprendizagem inicial da língua materna será

resolvido no Brasil mediante tal proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Ensino-aprendizagem. PNAIC. Signo

TEACH HOW TO READ AND WRITE: DIFFERENT WAYS TAKES TO DIFFERENT PLACES

ABSTRACT: A lot of scientific studies approach the challenges faced on the brazilian education related to the main tuition of reading and writing. This work objected to analyze the proposal of literacy of Pacto Nacional na Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) that presents itself on the “to literate-lettering” perspective. With specific objectives, it was sought to know the academic production of some authors about the scholar literacy, know the language conceptions of some theorists about the literacy and the questions that evolve the language and alphabetization. We discussed the thematic based on the theoretic-methodological of language perspective of Bakhtin/Volochínov ([1929], 2014) and, in the dialog of some authors of the area like Soares (1985,2003), Mortatti (2000, 2007), Kleiman (1995), Geraldi (2000, 2014), Brotto (2008, 2013) and Peres (2016). Although the “to literate-lettering” perspective is one way, it is questionable if the initial teaching and learning

challenge of the mother language will be resolved in Brazil through such proposal.

KEYWORD: Alphabetization Literacy. Teaching-learning. PNAIC. Sign.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de Mestrado em Educação, intitulada “O PNAIC e a Formação Continuada do Professor Alfabetizador da Rede Municipal de Ensino de Medianeira”, vinculada à linha de pesquisa Formação de Professores e Processos de Ensino e Aprendizagem do Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Cascavel.

O PNAIC é um programa de formação continuada para professores criado em 2012 pelo Governo Federal com o intuito de garantir o direito de alfabetização a todas as crianças até o 3º ano do ciclo de alfabetização. O PNAIC foi criado posteriormente ao programa Pró-Letramento, sendo que os dois programas têm como eixo central a formação continuada para professores alfabetizadores com foco na alfabetização Língua Portuguesa e alfabetização Matemática. Em ambos os programas apresenta-se a alfabetização na perspectiva do “alfabetizar letrando”.

Um dos contextos de influência para a elaboração do programa Pró-Letramento foi os dados do resultado do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb 2001-2005), que demonstrava que 59% dos brasileiros concluíram a Educação sem terem se apropriado da leitura e da escrita.

A partir da década de 1980, estudos e pesquisas têm apontado para a necessidade de busca de respostas aos desafios relativos à alfabetização no Brasil. Entretanto, cabe ressaltar que a busca de respostas para enfrentar os problemas relacionados a não alfabetização é de longa temporalidade. Nessa direção, muitos autores têm produzido estudos no Brasil acerca da alfabetização e das questões que envolvem a linguagem e a alfabetização. A grande maioria desses estudos discute um dos temas centrais da educação brasileira que é o fracasso escolar de grande parcela da população brasileira nesta etapa escolar, os anos iniciais do ensino fundamental. Dentre os estudos, discute-se também sobre as diferentes perspectivas teóricas apresentadas como proposta para enfrentar o problema. E, quanto aos fatores que teriam contribuído para essa não alfabetização, talvez estivesse a formação de professores, a qual teria sido permeada por contribuições e equívocos de práticas materializadas por distintas pedagogias.

Nesse sentido, objetivou-se neste estudo, analisar a proposta de alfabetização do PNAIC que se apresenta na perspectiva do “alfabetizar-letrando.” Para alcançar ao objetivo que nos propomos elencamos como objetivos específicos: conhecer a produção acadêmica de alguns autores sobre o letramento escolar; conhecer as concepções de linguagem que alguns autores da comunidade científica têm manifestado em torno da alfabetização e das questões que envolvem a linguagem e a

alfabetização. Discutimos a temática a partir dos pressupostos teórico-metodológicos de linguagem Bakhtin/Volochínov ([1929], 2014) e, no diálogo com demais autores da área. A discussão se distribui no texto, da seguinte forma, primeiro apresentamos a temática do estudo e a proposta de alfabetização do PNAIC para, em seguida discutirmos sobre tal proposta, se este caminho possibilita aquilo que se propõe, se a proposta resolveria a problemática brasileira envolvendo o ensino e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

2 | POR QUE O ALFABETIZAR DE ONTEM NÃO MAIS TERIA UM SENTIDO COMPLETO HOJE?

O ensino inicial da leitura e da escrita no Brasil tem movimentado a discussão sobre a condição de exclusão social de grande parcela da população nesta etapa da escolarização. Diante disso, muitas propostas têm sido apresentadas como solução para o desafio ainda presente. Nessa direção, o Governo Federal cria o PNAIC.

Apesar de a proposta do PNAIC considerar as contribuições de distintas proposições teóricas para o ensino inicial da língua materna, quer seja a contribuição da teoria construtivista, que traz resultados dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita, como considera também a teoria interacionista de ensino e da língua, deixa explícito que o caminho para a alfabetização é na perspectiva do “alfabetizar letrando”, relacionada ao estudo “As muitas facetas da alfabetização”. Nesse estudo de Soares (1985), a autora comenta que a não apropriação da leitura e da escrita pode estar relacionado ao que ela denominou, em estudo posterior (SOARES, 2003), de “desinvenção da alfabetização”, processo esse decorrente da mudança conceitual a respeito da aprendizagem da leitura e da escrita, no qual se deixou de ensinar a relação entre letras e sons, como também pelo entendimento equivocado de que a criança aprenderia a ler e a escrever somente ao estar em contato com materiais escritos. Assim, para a autora, para que haja a apropriação da leitura e da escrita faz-se necessário o ensino do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) em práticas de letramento. Nesta perspectiva a apropriação da leitura e da escrita pressupõe o trabalho específico do ensino do Sistema de Escrita Alfabética inserido em práticas de letramento.

Na obra “Letramento: um tema em três gêneros”, a autora diferencia alfabetização de letramento, sendo que a alfabetização seria “a ação de ensinar/ aprender a ler e a escrever, e Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2003, p. 47).

Entretanto, historicamente o ensino da língua materna no Brasil tem sido apresentado e organizado sob diferentes perspectivas com vista a atender/solucionar o mesmo e persistente desafio que envolve a não apropriação da leitura e da escrita.

Mortatti (2000), na obra “Os sentidos da alfabetização” discute 4 momentos relevantes envolvendo métodos de alfabetização, e, em cada um destes momentos, esclarece que à alfabetização fora atribuído um novo sentido.

Se “ontem” a alfabetização compreendia o ensino inicial da leitura e da escrita, “hoje” presenciamos que a essa etapa de escolarização, alguns estudiosos têm acrescido um novo termo “letramento”. Mortatti (2007), no estudo “Letrar é preciso, alfabetizar não basta...mais?”, ao discutir o ensino da leitura e da escrita, explicita que em meados da década de 1980 passou-se a questionar os motivos pelos quais a alfabetização era a etapa escolar em que mais brasileiros fracassavam. Neste sentido, de acordo com a autora mencionada, muitos estudos foram produzidos por pesquisadores brasileiros que apontaram três modelos principais de explicação para a não apropriação da leitura e da escrita: o construtivista, o interacionista e o letramento. Apesar de os modelos serem de distintas perspectivas teóricas, determinadas apropriações foram equivocadamente conciliadas nas práticas docentes. A autora explica que o construtivismo não é nem um método de ensino da língua materna, e nem abarca uma didática da leitura e da escrita. O interacionismo apresenta uma forma de compreender como ensinar e como se aprende a língua, uma vez que a centralidade do ensino e da aprendizagem assenta-se no texto/enunciado dos sujeitos situados historicamente, a língua é concreta e se materializa no discurso dos sujeitos. O letramento, desde o entendimento de seu termo, embora não se restrinja à prática de alfabetização, não tem sido compreendido, esclarecidas as relações entre alfabetização e letramento.

Se a perspectiva de ensino da língua materna, apresentada pelo PNAIC, explicita que para haver a apropriação da leitura e da escrita é preciso “alfabetizar letrando”, quer nos parecer que para essa perspectiva, a alfabetização não compreende a ação completa do ensino da língua escrita. Ao contrário disso, a língua, como nos ensinam Bakhtin/Volochínov (2014, p.127), “não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, [...] mas pelo fenômeno social da interação verbal”. Logo, ensinar e aprender a leitura e a escrita é um processo que deve ser entendido para além dos códigos, pois, a língua escrita, uma modalidade da linguagem, é signo que permeia toda atividade humana e possui uma intencionalidade. E como tal deve ser apropriado e compreendido o modo como funcionalmente a linguagem organiza a vida dos homens em sociedade, a tal ponto de esta ser na sua essência grafocêntrica. E, se consentirmos que a língua ensinada é concreta, real e só se materializa no discurso/relação dos sujeitos situados, haveria necessidade do termo “letramento” como complemento e/ou um acréscimo à alfabetização?

Peres (2016), no estudo “A Produção da Crença: Políticas de Alfabetização no Brasil na última década (2006-2016)”, aponta que foi produzida uma nova crença no conceito de alfabetização como aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e na relação entre alfabetização e letramento. Ao abordar sobre a produção da crença,

a autora explica que é preciso compreender a ideologia presente na proposta de alfabetização do PNAIC. Peres (Ibidem) considera que esta perspectiva não pode ser tomada como solução para resolver os problemas de não apropriação da leitura e da escrita no Brasil. Nas palavras da autora, o problema da alfabetização brasileira é histórico e estrutural, e não pode ser resolvido como se os problemas fossem tão somente uma questão de ordem pedagógica ou linguística. Peres (Ibidem) questiona, se tal problemática seria resolvida mediante a “uma perspectiva unilateral, monológica e hegemônica” (PERES, 2016, p.2), e propõe questionar tal crença construída.

Mas, o que de fato mudou no ensino inicial da língua materna para que hoje à alfabetização fosse acrescida a terminologia “letrando”? Acaso as práticas de alfabetização, anterior a esse acréscimo, não ensinavam a escrita a alguém para seus usos em práticas sociais? Acreditamos que ninguém alfabetiza alguém tão somente para que possa estabelecer relações entre letras e sons, mas ensinamos alguém a ler e a escrever porque a linguagem é signo, é intencionalidade, é interlocução, logo, está presente nas práticas sociais. Assim, questiona-se o porquê da terminologia do letramento. Estariam não compreendidas as relações entre alfabetização e letramento?

Os estudos sobre o letramento no Brasil, de acordo com Kleiman (1995, p.15) remetem ao fato de muitos brasileiros não terem se apropriado da leitura e da escrita. Para a autora, “letramento” não denota um único sentido, mas pode ter diferentes sentidos dependendo do estudo que é realizado. O letramento é definido pela autora “como um conjunto de práticas sociais que usam [sic] a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetos específicos” (Ibidem, p.19). Assim, para a autora, as práticas da escola seriam apenas um tipo de letramento, ou seja, a alfabetização, o processo de códigos da escrita, a ser apropriado pelo educando. Já as outras práticas de letramento, mas com orientações de letramentos distintos seria na igreja, na família, nos sindicatos e outros.

Para Kleiman (Ibidem), existem dois modelos de letramento, o autônomo e o ideológico. No autônomo, a escrita seria um produto completo em si, e para ser interpretada bastaria compreender o funcionamento interno do texto. Já no modelo ideológico, as práticas de letramento seriam determinadas socialmente e seriam interpretadas de acordo com o contexto de sua produção.

Explicitar o que seria o letramento é uma tarefa difícil porque esse conceito “remete tanto a um estado a que acede um sujeito quanto às habilidades deste mesmo sujeito de movimentar-se num mundo povoado de textos” (GERALDI, 2014, p. 26). Para Geraldi (Ibidem), o letramento ainda que não se limite ao processo inicial do ensino da língua, faz parte deste processo, e ninguém ensina alguém sem que haja uma intencionalidade, a de fazer uso em práticas sociais. O ensino sistematizado deve servir para que o sujeito possa compreender e atuar na sociedade em que está inserido.

Geraldi (Ibidem) nos ensina que a questão que envolve o “letramento” não está

em renomear uma prática do ensino da língua, mas o problema é o de se considerar como uma única realidade os diferentes níveis de letramentos e os diferentes letramentos. Para o autor, a escola deve ser o espaço de ensino e aprendizagem do conhecimento historicamente produzido pela humanidade. Entretanto, na escola não é possível o conhecimento de todas as atividades humanas, mas deve ser espaço privilegiado para “constituição de sujeitos sociais, críticos e eticamente responsáveis” (Ibidem, p. 34). Nesse sentido, ela é o *lócus* autorizado para a apropriação dos conhecimentos científicos, conhecimentos esses que são o legado da humanidade.

Nessa direção, Brotto (2008) nos ensina que ler e escrever é compreender o modo como funcionalmente a linguagem organiza a vida dos homens em sociedade. Isso porque o ensinar a ler e a escrever abarca as relações internas entre as palavras, ou entre elas, mas também, e sobretudo, porque o texto/enunciado carrega juízos e valores, revela posicionamentos, intencionalidades, regras, condutas, que é, igualmente, a maneira com que cada sujeito responde ao mundo em que vive, o que provém de sua experiência de vida, do seu entendimento sobre a realidade que está inserido. Para a autora, a linguagem é signo vivo, mutável e moldável, porque, em cada manifestação linguística, há sujeito, há história, há um contexto que leva o sujeito a agir intencionalmente deste ou daquele modo. A própria constituição do signo é social, e por assim o ser, como seria possível ensinar a língua materna distanciando-a das práticas sociais?

Questionamos, portanto, o que quer afirmar a ideologia do “letramento” na proposta de ensino da leitura e da escrita do PNAIC? Concordamos com Brotto (2008), que “não podemos deixar de questionar essa ideologia ‘enformada’ do letramento. Esta que denuncia um ensino distanciado das práticas sociais de uso da leitura e da escrita e, assim justifica a introdução do letramento” (Ibidem, p.19). Em outro estudo, intitulado “O Letramento Escolar Aspectos Históricos, Políticos e Enunciativos”, a autora esclarece que “a alfabetização e o letramento tem como núcleo o ensino da língua materna” (BROTTO, 2013), e nesta direção, qual seria a intenção e/ou o motivo de se acrescentar outro termo a um termo que já abarca o sentido completo?

Para Geraldi (2000), assim como para Brotto (2008), ensinar a leitura e a escrita é ensinar a linguagem em uso, o modo real de seu funcionamento em sociedade. Sob essa perspectiva, ensinar alguém a ler e a escrever é ato deliberado, intencional, planejado e ocorre por meio da interação social, na interlocução com o outro. Aprender a linguagem em uso é compreender que linguagem é signo, que expressa algo para além de si mesmo; é ideológico, está presente na luta de classes. E ensinar a língua de forma intencional e sistematizada é obrigação da escola formal, porque a língua é “expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p.17), daí afirmar que todo enunciado é concreto, porque é produzido no processo de interação social.

Se a proposta do PNAIC apresenta a alfabetização na perspectiva do “alfabetizar-letrando”, como um caminho para a promoção do ensino da leitura e da escrita, esta que se apresenta, resolveria o problema histórico brasileiro que envolve o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita na etapa da alfabetização? Entendemos que a proposta tem seus limites, porque as relações que abarcam o processo de ensino e aprendizagem não são tão somente pedagógicas ou linguísticas, mas abarca outras questões de ordem social, política e econômica no contexto brasileiro.

Na mesma direção do pensamento de Geraldi (2000) e Brotto (2008) que compreendem a linguagem como signo ideológico por constituição fundamentada na perspectiva teórico-metodológica de linguagem Bakhtin/Volochínov ([1929], 2014), e que esta orienta o ensino da língua, entendemos ser necessário ensinar letras e sons, mas isso precisa ocorrer a partir da concepção de linguagem como meio de interação social, na interlocução entre os sujeitos. Ensinar a ler e a escrever é tomar o texto/enunciado concreto dos sujeitos como objeto do ensino e a partir dele explicitar o motivo inicial pelo qual as diferentes formas de linguagem, especialmente na modalidade escrita foram criadas. Por exemplo, quando o professor ensina à criança a história da escrita, quando transmite o legado de gerações anteriores, um legado de conhecimento científico que explicita a gênese dos motivos e os motivos de o homem estar no mundo, o professor está instrumentalizando a criança para que ela possa compreender e atuar na sociedade. O que o professor ensina é a linguagem viva que coloca o homem e a história em um dado contexto. Ensinar a ler e a escrever é ampliar o entendimento de letras e sons, e como já o dissemos, é entender que o signo é ideológico por constituição, e sua apropriação tem uma intencionalidade que compreende uma ação consciente tanto do sujeito que ensina quanto do que aprende com vista a minimizar as desigualdades sociais.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar e aprender a leitura e a escrita não é ação desvinculada das situações concretas de produção, pois os sujeitos que interagem no espaço da sala de aula não agem isoladamente, mas refletem e refratam a realidade brasileira. O processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita não é algo neutro, mas é permeado por interrelações sociais, políticas e econômicas, e a educação é uma parte importante da sociedade.

A educação por si só não transforma a condição de exclusão social a que muitos brasileiros se encontram. Mas pode contribuir possibilitando aos sujeitos apropriarem-se dos conhecimentos necessários para essa transformação. Nessa direção, ao professor alfabetizador cabe a tarefa de promover o ensino inicial da leitura e da escrita, não somente do signo linguístico, mas do signo que permeia a atividade

humana. O signo deve ser compreendido para que o sujeito tenha o seu domínio e possa atuar na sociedade. Muitos são os caminhos apontados para a promoção do ensino da língua materna, entretanto, há modos mais produtivos de fazê-lo para a emancipação dos sujeitos.

O ensino da linguagem, especialmente na modalidade escrita, segue uma convenção, uma norma. Mas, compreender e ensinar o sentido que é veiculado pelo signo, é compreender e ensinar que a palavra carrega “poder”, juízo de valor. Promover a apropriação do signo ideológico é um dos grandes desafios que se apresenta quando se ensina a ler e a escrever, a partir de uma perspectiva emancipadora. Ensinar a ler e a escrever é instrumentalizar a criança desde cedo a compreender o movimento da sociedade e nela poder atuar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.(VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Mapa do analfabetismo do Brasil. Brasília: MEC/INEP. 2014 Disponível em <[http://: www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> Acesso em 08 Mar. 2015.

BROTTO, Ivete Janice de Oliveira. **Alfabetização: um tema, muitos sentidos** / Ivete Janice de Oliveira Brotto. – Curitiba, 2008. 238 f. Orientador: Prof. Dr. Gilberto de Castro Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

_____. **A alfabetização e o contexto histórico, político e enunciativo do letramento escolar**. Revistas eletrônicas.pucrs.br > Capa > v. 48, n. 1. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/12051>>. Acesso em: 07 Out. 2015.

GERALDI, J. W. (Org). **O texto na sala de aula**. 3ª ed. Cascavel: Assoeste, 2000.

GERALDI, J. W. **A produção dos diferentes letramentos**. Bakhtiniana. V. 9. n. 2. p. 25-34. Campinas: Unicamp. Ago/Dez. 2014.

KLEIMAN, Angela B. (org) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MORTATTI, Maria R. L. Os sentidos da alfabetização: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000.

MORTATTI, M.R.L. **Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?** In: SCHOLZE, L.; ROSING, T. M. K. (Org.). Teorias e práticas do letramento. Brasília, DF: MEC/Inep, 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/89646947/9/Maria-do-Rosario-Longo-Mortatti>> Acesso em: 14 nov. 2016

PERES, Eliane. **“A Produção da Crença”: Políticas de Alfabetização no Brasil na última década (2006-2016)**. In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED. Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, 11, Curitiba, 2016. Eixo 7 – Alfabetização e Letramento. Curitiba: Universidade Federal do Paraná- UFPR, 2016.

SOARES, Magda B. **As muitas facetas da alfabetização**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev./85.

_____. **Letramento: um tem em três gêneros**. 2.ed., 6. Reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 1, 4, 8, 34, 35, 39, 45, 46, 68, 72, 77, 83, 110, 112, 123, 124, 125

Alimentação 28, 32

Aprendizagem significativa 218, 220

C

Ciências Humanas 131, 132, 135, 137, 138, 139, 141, 194

Conhecimento científico 218

Currículo 21, 101, 131

E

Educação 5, 6, 2, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 40, 41, 45, 46, 56, 68, 71, 72, 77, 80, 83, 88, 91, 96, 99, 101, 103, 105, 107, 109, 110, 112, 113, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 143, 148, 150, 151, 152, 160, 165, 185, 187, 193, 194, 195, 197, 203, 204, 212, 219, 229, 233, 239, 240, 241

Educação infantil 11, 20

Ensino Médio 8, 41, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 145, 148, 152, 153, 155, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 173, 174, 183, 185, 186, 187, 194, 203, 206, 217, 229, 230, 232, 241

Experimentação 143, 168

F

Filosofia para crianças 59, 63

Formação de professores 34, 77, 99, 101, 109

G

Grandezas 183, 186, 187, 192

I

Ideb 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128

Interdisciplinaridade 203

Investigação 45, 61, 91, 162, 166, 167, 168, 173

L

Letramento 1, 2, 3, 6, 8, 34, 35, 45, 46, 73, 77

O

Oralidade 64

P

Planejamento escolar 93

S

Saeb 2, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130

T

Trabalho docente 34

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-532-7

